

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

THIAGO ESTIVALET BRAGA

FREUD NO CONTEXTO DA PSICOLOGIA ALEMÃ DO SÉCULO XIX

SÃO PAULO

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

THIAGO ESTIVALET BRAGA

FREUD NO CONTEXTO DA PSICOLOGIA ALEMÃ DO SÉCULO XIX

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof^a Dr^a Juliana Florez.

SÃO PAULO

2017

Pouco antes de Teschen, abri minha maleta à procura de papel, pois estava escuro demais para ler, era cedo demais para dormir e eu estava considerando a ideia de escrever, da melhor maneira possível, o primeiro rascunho da psicologia. (FREUD, 1986, p.139)

RESUMO

7.00.00.00-0 – CIÊNCIAS HUMANAS

7.07.00.00-1 – PSICOLOGIA

7.07.01.01-6 - História, Teorias e Sistemas em Psicologia

FREUD NO CONTEXTO DA PSICOLOGIA ALEMÃ DO SÉCULO XIX

Orientadora: Prof^ª Juliana Florez; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP; Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde.

Orientando: Thiago Estivalet Braga, Curso de Psicologia, e-mail: tg.thiago@uol.com.br

Palavras-chave: Freud; Epistemologia; Psicanálise; História da Psicologia; Psicologia no século XIX,

O presente estudo parte do interesse em investigar a constituição primeira da psicologia enquanto prática científica e saber autônomo, remontando à sua história. Como o tema é amplo e pode ser trilhado por inúmeras formas de pesquisa, escolhemos um caminho peculiar ao focar nosso trabalho em torno de Sigmund Freud e, mais especificamente, da análise de seu texto “Projeto de uma psicologia científica” de 1895. Isso porque temos como objetivo situar este texto freudiano como um emergente dessa época, um efetivo esforço para esboçar uma teoria psicológica contemporânea às obras inaugurais de Wundt, Fechner ou Brentano. Para tanto, recorreremos inicialmente ao próprio texto freudiano, ampliando nossa investigação para os comentadores e biógrafos do autor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1	12
1.1. Ascensão das ciências experimentais	12
1.2. Influências de Freud.....	15
CAPÍTULO 2	22
2.1. Situando o <i>Projeto</i> no contexto histórico	22
2.2. O <i>Projeto</i>	23
2.2.1. Os sistemas.....	26
CAPÍTULO 3	29
3.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

A psicologia andou um longo período para se constituir tanto como uma prática científica, quanto como um campo de saber autônomo, em uma trajetória que se inicia celebrenemente com Wundt, Brentano, entre outros nomes importantes. Desde então, ronda nas discussões acerca da disciplina a questão da cientificidade da psicologia. Esta é expressa tanto pela tentativa de enquadrar alguma corrente teórica dentro dos cânones do cientificismo, quanto pela oposição a esses cânones. É expressa também a partir de correntes que declaram fazer coisas distintas que não são passíveis de serem enquadradas em uma ciência.

Portanto, enquanto cientistas e filósofos da ciência criticam alguns ramos da psicologia por não serem científicos, “as psicologias” também combatem umas às outras, clamando que somente determinada linha teórica atinge “realmente” o status de ciência, em detrimento das demais.

A atualidade da questão permanece possivelmente devido ao status que a ciência possui na sociedade contemporânea. Ela é comumente considerada superior a outras formas de conhecimento devido ao sucesso de suas predições e das possibilidades de aplicações tecnológicas derivadas de seu desenvolvimento, ou seja, do nível de controle que propicia sobre o mundo, sob a forma de aplicações práticas.

Skinner, no começo do seu livro *O mito da liberdade* de 1973, critica as psicologias justamente por não terem se constituído numa ciência que tenha tido sucesso em propor soluções aos problemas humanos na forma de uma tecnologia do comportamento.

Afinal, as ciências, pelo menos as ciências físicas ou naturais, possuem um grau de sucesso incrível quando se trata de manipular fenômenos e de criar tecnologias: um celular funciona, um avião voa, e sempre que construirmos um avião utilizando as técnicas apropriadas, cálculos e preceitos corretos, espera-se e geralmente se consegue que ele voe. É provavelmente a inexistência de técnicas e teorias que possuam esse nível de precisão em previsão e controle que Skinner (1973) lamenta quando se refere a um caráter ainda bastante “pré-científico” da psicologia.

Diante desse sucesso, a ciência não parece ser apenas um sistema simbólico completamente arbitrário – deve haver parâmetros e características específicas que permitem tais resultados (êxitos em previsões). Mas, ainda assim, não se deve achar a partir disso que a ciência seja una. Cada ciência específica partilha de métodos, objetos e procedimentos próprios, sendo que a tentativa de estabelecer uma metodologia única a priori é um processo que tende ao fracasso.

E, tal qual não existe um método único, não existe consenso sobre critérios objetivos de demarcação a respeito do que seja ou não uma ciência; a partir das discussões recentes em filosofia da ciência, tornou-se uma questão no mínimo complexa, se não impossível, determinar se uma teoria ou prática é científica a partir de qualquer critério pré-determinado, universal e a-histórico, como já quiseram vários pensadores.

Se, atualmente, conseguimos na psicologia atingir um nível de maturidade que sustente uma aplicabilidade tão grande quanto o das ciências físicas e biológicas é uma questão também ainda em aberto. Os critérios de eficácia são menos consensuais e quantificáveis na psicologia, podendo haver entre as diversas correntes não apenas um questionamento do nível de eficácia, como também do próprio significado e pertinência do termo. Na física, interpretações de um resultado podem variar, mas são geralmente passíveis de serem discutidas em uma linguagem comum.

Mas muito mais do que questões de epistemologia e cientificidade, algo que salta aos olhos, para aqueles que se dedicam a estudar, mesmo que minimamente, a psicologia, é o alto grau de diversidade e dispersão teórica do campo. Comumente é notório que a psicologia não é una, mas formada a partir de diversas “psicologias”, que se orientam, ou não, a partir de uma linha teórica comum, cada uma delas frequentemente dispo de métodos, objetos e visões de mundo próprios e diversos:

não há uma forma, abordagem ou definição única de psicologia que seja consenso entre os psicólogos. E mais, que existe uma diversidade enorme e até mesmo uma divisão e fragmentação na especialização profissional e científica, bem como no objeto de estudo. [...] Alguns psicólogos se dedicam às funções cognitivas, enquanto outros lidam com forças inconscientes [...]: a psicologia moderna compreende várias áreas de estudo que pouco parecem ter em comum, exceto o grande interesse na natureza do comportamento humano, e uma abordagem que tenta de algum modo, ser científica (SCHULTZ; SCHULTZ, 2014, p. 14).

É difícil dizer se em outras ciências há uma problemática de definição dos diferentes campos tão grande: na biologia, parece absurdo dizer que a etologia, a botânica e a genética tenham o mesmo objeto ou método; mas há pressupostos e teorias partilhados e as diferentes áreas costumam aceitar ou levar em conta os resultados umas das outras. Mas, se os diferentes campos da biologia parecem ser diversos e distintos, o grau em que isso ocorre na psicologia parece ser mais radical; afinal, diversas abordagens pretendem explicar frequentemente os mesmos fenômenos, a partir de teorias não só diversas, mas também incompatíveis e excludentes: aceitar uma abordagem de certo modo implica na recusa das demais, por divergirem na compreensão acerca do que constitui a própria psicologia e o seu objeto de investigação.

Devido à diversidade da disciplina se dar a partir de “escolas de pensamento” divergentes que geralmente não partilham seus pressupostos fundamentais, a psicologia é frequentemente dita uma disciplina pré-paradigmática (SCHULTZ; SCHULTZ, 2014, p. 19), ou seja, um campo no qual não há uma forma de pensamento comum aceita dentro da disciplina que engloba respostas e perguntas fundamentais, e nem mesmo teorias e modelos que são aceitos pela maior parte dos pesquisadores do campo (como acontece com o modelo darwinista de evolução na biologia).

O que se verifica, então, na psicologia é talvez não uma falta de clareza do objeto ou do método, que são bem definidos em cada corrente teórica, mas do que seja a disciplina em primeiro lugar. O consenso inexistente mesmo diante da classificação da psicologia como ciência “natural” ou “humana”, com ambas as definições sendo defendidas por tendências diversas – com alguns questionamentos, inclusive, sobre se a psicologia é ou deveria ser uma ciência em primeiro lugar (pelas linhas que pleiteiam perigos ou a impossibilidade de se tratar o homem como um objeto e de reduzi-lo a um recorte passível de ser estudado por alguma disciplina).

Considerando tudo isso, inclusive as indefinições e a diversidade das ciências físicas e biológicas, é válido se perguntar pela unidade da psicologia, não necessariamente defendendo algum tipo de integração entre as diferentes propostas e correntes, mas perguntando sobre como se dá essa unidade ou qual a unidade desse campo em torno do qual se organizam as diversas correntes de pensamento? Afinal, existe uma disciplina nomeada psicologia e para tanto deve haver semelhanças para que diferentes abordagens constituam uma mesma coisa – pois as palavras têm significado e, quando utilizamos o termo psicologia, nos referimos a um objeto específico, distinto de outros.

Há também a pergunta de porque existe essa diversidade: como se constituiu um campo de investigação em que ocorreu tal nível de fragmentação? E considerando essa fragmentação, o que legitimaria tanto uma tentativa de unificação quanto uma convivência entre as diversas tendências?

Por exemplo, behaviorismos e psicanálises clamam ocasionalmente por não serem considerados como uma psicologia, pois seriam ciências independentes, à parte, com objetos e metodologias próprias. Mas o que é a psicologia em si para que qualquer uma delas não o seja? Ou dizendo melhor: behaviorismo e psicanálise são duas das correntes mais clássicas e antigas de psicologia, que seguem sendo utilizadas ainda hoje; se ambas recusam a denominação, então exatamente o que deveríamos chamar de psicologia? Tais perguntas implicam na necessidade de clarificações e de uma definição de psicologia mais inequívoca dos que as geralmente aceitas.

Um dos caminhos ao qual é possível recorrer diante de tais questionamentos é o da história da disciplina, não tanto para responder definitivamente alguma das questões atuais, mas para tentar compreender alguns aspectos tanto sobre como a psicologia veio a ser o que é hoje, sobre a formação de sua diversidade, como também sobre o que era antes, em sua origem, sobre qual a delimitação da disciplina e o significado do termo. O que se manteve na psicologia desde o princípio até a atualidade, para que se justifique sua posição corrente na classificação das diversas ciências?

Manuais americanos de história da psicologia, ao mostrar a necessidade de se estudar o tema, apontam justamente a história como o campo em que é possível identificar algo que organize as diversas psicologias em um único contexto:

A única linha de trabalho que une essas áreas e esses tratamentos distintos para formar um contexto coerente é a história, ou seja, a evolução da psicologia ao longo do tempo como disciplina independente. Somente a exploração das origens da psicologia e o estudo do seu desenvolvimento é o que proporcionam uma visão clara da natureza da psicologia atual. O conhecimento histórico organiza a desordem e estabelece um significado ao que parece ser um caos colocando o passado em perspectiva para explicar o presente (SCHULTZ; SCHULTZ, 2014, p. 14).

Então, a partir disso, para onde ir? Visto que as questões postas anteriormente visam à psicologia enquanto ciência e disciplina autônoma e não a algum tema ou

conceito específico que ela tome por objeto, um bom começo, nos parece, é ir aos primórdios da disciplina, para tentar entender como ela se constitui.

Nesse trabalho, pretendemos fazer um estudo sobre esse período da psicologia, tentando, a partir do contexto de sua fundação, identificar o que ela estudava, como era definida, e qual a concepção de ciência vigente, na esperança que, talvez, isso possa ter alguma utilidade para compreender seu desenvolvimento e sua configuração atual.

Elegemos, então, como foco deste estudo o período inicial da obra de Freud, especialmente o *Projeto para uma psicologia*, de 1895, tomando-o como uma tentativa inicial de sistematização e fundamentação da psicologia enquanto ciência, empreendimento feito também por figuras importantes como Wundt e James, entre outros. Se num trabalho de história da psicologia se opta por estudar Freud e não esses outros autores, essa escolha se dá por alguns motivos.

Primeiramente, os demais pioneiros da psicologia fizeram, inegavelmente, contribuições importantes para o desenvolvimento posterior da disciplina, para a sua independência teórica e metodológica, e moldaram o que se entende hoje por psicologia; no entanto, enquanto são figuras importantes nas origens da disciplina, a sua importância atual é reduzida. Um psicólogo experimentalista contemporâneo poderia prescindir da leitura dos textos de um Wundt para a elaboração e desenvolvimento de sua pesquisa, tal qual um físico atual não sentiria a menor necessidade de ler Newton, salvo em ambos os casos se se dedicarem à pesquisa histórica ou epistemológica.

O mesmo não acontece no que se refere à relação dos psicanalistas com Freud. A obra freudiana permanece viva no corpo teórico atual da psicanálise. Psicanalistas se referem, citam, se utilizam da letra ou do espírito dos textos do fundador para pensar suas práticas e avançar suas teorias. Longe de ser mera curiosidade histórica, o estudo de Freud é considerado eixo fundamental na formação de psicanalistas (e psicólogos). O estudo de outros autores dos dois séculos passados pode ter uma importância muito maior – no entendimento do que é, qual a função e importância da psicologia na sociedade atual – do que admitiria o experimentador ingenuamente cientificista, mas está longe de se equiparar à importância que Freud possui para o campo que fundou.

Um segundo motivo para a escolha de Freud se refere a especificidades próprias de seu projeto inicial. Enquanto no texto de 1895, na esteira de outros pesquisadores, há a preocupação em montar uma psicologia “quantitativa”, materialista e “livre de contradições”, o *Projeto* difere num ponto crucial ao tomar a clínica e não o laboratório como campo do qual extrair suas asserções empíricas. Nesse aspecto, parece se

diferenciar dos outros modelos de psicologia da época, e também, vinculado a essa diferença, parece ser a teoria que mais tem interesse e melhor permite ser operacionalizada na resolução de questões práticas que afligem o ser humano.

Cumprir notar que estamos fazendo, neste texto, operações que podem ser consideradas um tanto polêmicas, como localizar Freud como um autor importante na história da psicologia e tratar a psicanálise como uma forma específica de psicologia dentre outras correntes de pensamento.

Localizar Freud e sua importância na história da psicologia não é tarefa difícil. Mesmo que se admita que a psicanálise e a psicologia correspondam a campos de conhecimento e de prática totalmente distintos, a influência de Freud na psicologia é inegável. Uma imagem popular do psicólogo, no senso comum, ainda nos dias de hoje, é a do terapeuta em seu consultório, tomando notas do que diz um paciente deitado num divã. Também não há psicólogo que pretenda falar de fenômenos psíquicos que escapem à consciência, que possa simplesmente desconsiderar o que Freud escreveu sobre o assunto.

Assim, considerando o que a psicologia é hoje, parece evidente que muitas das práticas posteriores de psicoterapia e o campo da psicologia clínica como um todo são em grande parte desenvolvimentos do trabalho de Freud e de seus seguidores. A influência que Freud desempenhou na estruturação do que hoje consideramos psicologia não parece ser menor do que a de James ou de Wundt, portanto, nos parece legítimo chamar Freud de psicólogo e a sua teoria de uma psicologia.

Mesmo pessoas que refutam atualmente a psicanálise enquanto prática e teoria reconhecem a importância dela no desenvolvimento do tratamento clínico: “e mesmo que a cura pela fala possa funcionar por razões que são bastante diferentes daquelas sugeridas por Freud, o fato da cura ter sido sugerida por ele é uma façanha notável” (ELLEMBERGER, 1970, p. 187; tradução livre).

A consideração de que a psicanálise possui objeto de investigação e metodologia próprios nos parece insuficiente; cada uma das diferentes abordagens e correntes em psicologia pode declarar especificidades metodológicas e de objeto. Se não temos problemas em agrupar autores que propõem teorias tão diferentes entre si como Skinner, Jung, Piaget, Neisser e Rogers¹ como pertencentes ao mesmo campo geral do

¹ Considerados como representantes de linhas teóricas bastante distintas.

conhecimento que chamamos psicologia, parece arbitraria a exclusão singela de Freud e da psicanálise desse campo

Embora, neste trabalho, consideremos em alguns sentidos a psicanálise como parte da psicologia, o propósito é menos refutar interpretações divergentes, que separem as duas disciplinas, e mais marcar a importância de Freud no desenvolvimento da psicologia enquanto disciplina³.

³ Inclusive um argumento forte nessa direção, embora diga mais respeito a institucionalidades dessas disciplinas do que a considerações epistêmicas, é o de que, objetivamente, não existe necessidade de ser psicólogo para se atuar profissionalmente enquanto psicanalista, e isso é simplesmente uma questão de fato.

CAPÍTULO 1

1.1. Ascensão das ciências experimentais

Considera-se que a psicologia é fundada enquanto ciência autônoma na Alemanha do século XIX. Várias datas são apontadas como a de seu “princípio”, sendo as principais 1860 – com a publicação de “Elementos de psicofísica” por Fechner; 1873 – com a publicação dos “Princípios de psicologia fisiológica” por Wundt; ou ainda, 1879 – com a fundação do laboratório de psicologia experimental em Leipzig, também por Wundt⁴.

Contudo, considera-se que há diversos precursores dessa história. Diz-se que a psicologia é uma disciplina jovem com um longo passado. Alguns consideram o “de anima” de Aristóteles como sendo o primeiro tratado de psicologia (ou que diga respeito aos temas estudados por psicólogos), seguindo-se, posteriormente, de uma longa tradição de pensadores que se dedicaram aos temas relativos à mente, à alma, ao pensamento, à ação e motivação humana, entre outros. Essa é uma tradição, entretanto, que não constitui a história da psicologia propriamente dita, uma vez que ela demora a se tornar uma área de estudos distinta da filosofia e da fisiologia.

No século XIX, houve o êxito e a difusão do método experimental nas diversas áreas, além de uma renovação filosófica, a partir da rejeição da metafísica. A Alemanha pré-unificação era uma nação fragmentada em numerosos reinos, ducados, bispados e cidades autônomas. A falta de um governo central efetivo e da Igreja unificados fez com que antes de 1870 houvesse muito mais universidades na Alemanha do que em qualquer outro país europeu. A Alemanha recém-unificada, em 1870, foi um lugar propício para as pesquisas psicológicas.

Havia uma onda de reformas educacionais nas universidades alemãs. Neste país, a ciência incluía inúmeras áreas de conhecimento, possibilitando aos pesquisadores alemães estudar utilizando-se dos saberes de vários campos na pesquisa. Foi o momento no qual surgiu um novo tipo de instituição, bastante diferenciado da clássica universidade

⁴ Há uma preferência da psicologia norte-americana atual em inaugurar a psicologia com Fechner e Wundt, por estes serem menos metafísicos e mais inclinados aos métodos das ciências naturais e ao experimentalismo do que outros precursores contemporâneos como Lotze e Brentano. Desse modo, tanto pelo contexto, quanto pela tradição psicológica norte-americana – predominantemente experimental –, Wundt é geralmente tido como “pai da psicologia”, devido ao mérito de, além de ter feito contribuições teóricas, ter fundado o primeiro laboratório da área no mundo.

européia, que tinha como propósito a liberdade acadêmica e a pesquisa (ANTONELLO; OLIVEIRA, 2011).

A Universidade de Berlim é a primeira que rompe totalmente com o modelo aristotélico-cristão de universidade, que oferecia apenas cursos de direito, medicina, filosofia e teologia. Esse rompimento propõe pela primeira vez a unidade entre teoria e prática no âmbito acadêmico, abrindo caminho para a eclosão das diversas ciências experimentais particulares. O grau de liberdade econômica também era único em relação a outros países, com professores tendo liberdade para lecionar sobre o tema que quisessem e com os alunos podendo escolher livremente os cursos que queriam frequentar. Apenas no final do século XIX as instituições acadêmicas de outros países ocidentais começaram a competir com aquelas da Alemanha (SCHULTZ; SCHULTZ, 2014, p. 54).

De fato, antes da fundação do 'University Grants Committee' (Comitê de Outorga Universitário), em 1919, as universidades inglesas dificilmente recebiam algum apoio do governo; e antes do estabelecimento da ordem de PhD, no mesmo ano, havia pouca tradição em pesquisa neste país. Nas universidades mais antigas, Oxford e Cambridge, predominavam as disciplinas tradicionais; escolas renomadas em ciências naturais não foram inauguradas antes de 1850 e, até 1870, não existiam laboratórios adequados para pesquisas. Em Oxford, não havia ensino oficial de psicologia experimental até 1936. No início de 1870, nos Estados Unidos a situação era muito semelhante. Antes da inauguração da Universidade de Johns Hopkins, em 1876, nenhum estudo ou pesquisa significativa, que seguisse o padrão alemão, fazia parte do modelo de educação americana. Durante a breve liderança de Stanley Hall, que foi nomeado para o corpo docente em 1881, Johns Hopkins logo se tornou a pioneira no desenvolvimento da psicologia americana. Progressos similares rapidamente seguiram-se em Harvard, Yale, Columbia, Princeton e em outras universidades americanas. (HEARNshaw, 1987, p. 125)

Freud beneficiou-se dessa efervescência. Também Viena, cidade na qual Freud estudou, viveu e elaborou sua obra, era antes da Primeira Guerra Mundial uma cidade importante. Isso é precedido por diversas reformas no império austro-húngaro. Em 1868, há a equalização dos direitos aos judeus, com a legalização da ocupação de posições civis por judeus, de casamentos inter-religiosos, com a permissão da liberdade religiosa e de educação, bem como com o fim das restrições a viagens pelo império em 1870. Tal fato propicia a eclosão da universidade de Viena como central de conhecimentos, com um

grande influxo de intelectuais, muitos deles vindos da Alemanha. Diversos movimentos intelectuais surgiram na cidade nessa época (KANDEL, 2012).

A Faculdade de Medicina em especial atingiu grande nível de excelência e teve sua modernização devido ao trabalho de Joseph Škoda e Karl Rokitansky, que comandavam respectivamente os departamentos de medicina clínica e de patologia. Esses professores foram responsáveis pela união profícua entre esses dois métodos: o clínico, que envolve o tratamento do paciente e o estudo do quadro de evolução das doenças; e o patológico, que lida com autópsias e com o estudo post-mortem das alterações anatômicas provocadas pela doença.

Diferente dos hospitais e universidades de Paris, onde os clínicos eram ao mesmo tempo os próprios patologistas. Decorria desse fato que por falta de treinamento específico os médicos parisienses acabavam por não ter tanta facilidade em estabelecer as correlações entre sintomas clínicos e as examinações póstumas. (KANDEL, 2012). assim, por paradoxal que possa parecer, a divisão em dois departamentos distintos, proposta por Rokitansky, serviu para um maior diálogo entre as duas áreas - partir da maior especialização de cada uma delas foi possível uma maior interlocução.

Škoda e Rokitansky também advogavam que, na ciência médica, a pesquisa e o tratamento deveriam caminhar paralelamente. Além disso, referiam a importância do entendimento biológico da doença para um efetivo diagnóstico e tratamento. Estas foram as bases instrumentais para instituir a ideia de que as doenças, o hospital e o paciente constituem o laboratório do clínico e, conseqüentemente, que as doenças poderiam ensinar muito sobre o funcionamento normal (KANDEL, 2012).

Freud, imerso nessa atmosfera, utilizou conceitos de várias áreas como a medicina, a biologia, a filosofia, etc. O *Projeto* apresenta um esboço de um aparelho neuronal para tentar esclarecer fenômenos psíquicos, ultrapassando os limites da psicologia da época, tentando fazer convergir: a psicologia como ciência natural, os conhecimentos de anatomia e fisiologia, e as ciências do espírito.

A psicologia da época até considerava o inconsciente, mas simplesmente como estados que ainda não se davam na consciência, que permaneciam abaixo de certo limiar (“pequenas percepções” – Leibniz; “franja da consciência” – James”).

A concepção de psiquismo dominante até Freud era a de uma subjetividade identificada com a consciência e dominada pela razão; quando muito admitia-se que a consciência pudesse conter uma franja ou margem inconsciente, ou

ainda que, em alguns casos, se pudesse falar de ocorrências psíquicas que permaneciam abaixo do umbral da consciência. O termo ‘inconsciente’ era empregado de forma puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente, mas nunca para designar um sistema psíquico autônomo regido por leis próprias. (GARCIA-ROZA, 1991, p. 209)

1.2. Influências de Freud

Há uma gama de autores e de fontes de saber presentes na formação científica e epistemológica de Freud que é possível de ser identificada na escrita do *Projeto*, texto no qual ele buscou aproximar campos distintos. É muitas vezes difícil estabelecer até que ponto as ideias freudianas eram específicas suas ou de outras influências. A seguir indicaremos algumas delas: Helmholtz, Herbart, Fechner, Meynert, entre outras.

No mesmo ano que Freud escreveu o *Projeto*, outro autor, o filósofo e historicista alemão chamado Wilhelm Dilthey, publicou um ensaio de psicologia comparada cuja primeira seção é destinada à discussão acerca das ciências da natureza e das ciências do espírito. Dilthey situava a psicologia como uma ciência do espírito e pretendeu fundar as ciências do espírito na psicologia. Contudo, ele se opõe à filosofia do espírito de Hegel e também ao positivismo, buscando um híbrido: uma ciência do espírito que fosse ao mesmo tempo positiva. Para o autor, a compreensão da vida psíquica ocorria a partir das manifestações externas.

No momento, portanto, em que Freud escreve o *Projeto*, já havia uma tradição na filosofia alemã, de Kant a Hegel, afirmando-se como filosofia do espírito. Por outro lado, havia também um movimento oposto ao do idealismo alemão, que se nutria da tradição positivista e que pretendia, inspirada em Fechner, uma abordagem quantitativa dos fenômenos psíquicos. É o caso de Herbart, a quem está ligado Theodor Meynert, que foi orientador dos estudos de Freud durante sua formação médica. (GARCIA-ROZA, 1991a, p. 73-74).

Herbart⁵ foi um dos primeiros que desenvolveu uma tentativa de psicologia matemática. Herbart, assim como Kant, considerava a matematização como indispensável

⁵ Johan Friedrich Herbart: Matemático e filósofo da educação do começo do século XIX. Ele foi um dos primeiros desse século a se destacar na tentativa de construção de uma psicologia científica. Essa construção ocorreria apenas se a psicologia fosse fundamentada em conceitos matemáticos. Não que se tratasse de uma

à ciência, portanto, ela deveria ser aplicada na psicologia para que adquirisse o caráter científico. Contudo, tal intento era considerado por Kant uma impossibilidade, na medida em que os fenômenos dos quais a psicologia tratava se dariam apenas no tempo e não no espaço.

Segundo Kant, possibilidade de uma matematização da psicologia deveria levar em conta meramente a “lei de continuidade no fluxo das mudanças internas”, o que ele não considerava proveitoso (LEARY, 1978, p. 18). Herbart, então, superou o veto kantiano pela postulação de que os fenômenos psíquicos podem ser diferenciados quanto a seu grau de intensidade, variável no tempo.

For if psychological phenomena (representation) could be distinguished as more or less intense, he reasoned, one could assign numerical values to the different degrees of intensity and, assuming that every increase in the intensity of one presentation results in a proportionate decrease in the intensity of another presentation, one could explain psychological dynamics by means of an equilibrium model which could be described in terms of exact mathematical equations. (LEARY, 1978, p. 18)

A matematização proposta por Herbart é problemática, na medida em que somente é possível designar aleatoriamente valores numéricos para as intensidades das representações, não havendo meios efetivos de medir tais intensidades (LEARY, 1978). A psicologia de Herbart reflete em vários de seus elementos ideias posteriormente discutidas por Freud. No Projeto ele fala em quantidades maiores ou menores, mais ou menos intensas de Q, mas sem efetivamente medi-las a partir de qualquer referencial numérico ou objetivo.

A psicologia de Herbart se constitui como uma mecânica de representações conscientes e inconscientes (CARVALHO; MONZANI, 2015). As representações são reguladas por um “princípio de autopreservação” (GARCIA-ROZA, 1991) que as impele contra a sua inibição. São essas as representações que variam em intensidade; sua intensidade é justamente a medida da força que as impelem em direção à consciência. Quanto mais intensas mais chance têm de ultrapassar o “limiar da consciência”, que é a linha divisória entre quais representações são inconscientes e quais não são.

estratégia inédita, visto que, mesmo antes dele, outros já tinham tentado encontrar uma ordenação causal na alma por meio da aplicação de modelos matemáticos aos fatos psicológicos, entre eles, Leibniz e Wolff.

Tais representações entram em conflito umas com as outras. Representações de natureza distintas não podem ocupar a consciência ao mesmo tempo, portanto se opõem; as que tiverem menor intensidade são recalçadas e “caem” abaixo do limiar da consciência. Representações inconscientes são recalçadas e continuam presentes no psiquismo, sempre lutando para conseguirem superar o limiar e ascender à consciência, algo possível na medida em que superem em intensidade as que lá estejam.

O meio pelo qual o pensamento de Herbart chegou a Freud é o manual de psicologia de Lidner. Lidner é um seguidor da psicologia de Herbart, que expõe em seu manual sem a parte matemática e complementada com associacionismo britânico. (CARVALHO; MONZANI, 2015; ASSOUN, 1983; ANDERSON, 2000).

O manual de Lidner foi publicado em 1858 e se tornou amplamente utilizado nas escolas austríacas, sendo usado por Freud enquanto estudava no *Gymnasium*⁶. Este manual colocava a psicologia de Herbart como sendo “a” psicologia. Ela, juntamente com o associacionismo britânico, se tornou a psicologia utilizada pelos primeiros estudiosos do cérebro (ANDERSON, 2000, p. 42).

Herbart, como vários autores contemporâneos seus, não é citado explicitamente por Freud, o que torna mais difícil precisar exatamente a sua influência. Faz-se necessário, então, inferir influência a partir de elementos implícitos, de conceitos e termos, de pontos de vista (ANDERSON, 2000, p. 41).

Freud, no contexto de uma psicologia nascente se inspira muito mais em seus professores, médicos de neurologia, incluindo Charcot, do que nas formulações psicológicas de autores contemporâneos. Pode-se pensar que um dos fatores possíveis para a ocorrência deste fenômeno era o momento histórico da nascente psicologia experimental, pouco interessada nas preocupações psicopatológicas e psicoterápicas de Freud⁷. Freud, como um investigador que conjugava a sua pesquisa e a prática clínica, tornando uma indispensável da outra, teve que se referir mais às práticas psiquiátricas de sua época do que à psicologia nascente.

Justamente pela inspiração de necrólogos que usavam o método clínico-patológico de investigação de quadros e estruturas cerebrais a partir de lesões, Freud passa a orientar-se não pelo laboratório, mas pela clínica como campo investigativo da psique,

⁶ *Gymnasium* é o equivalente ao ensino médio alemão para os estudantes que pretendem se dedicar a seguir na educação superior.

⁷ Freud também parece ignorar movimentos filosóficos contemporâneos, tal qual o neokantismo e a fenomenologia.

partindo do patológico como base para o estabelecimento de uma psicologia que também desse conta de fenômenos “normais”.

Entretanto, diferentemente de outros médicos que haviam se dedicado a estudar questões psicopatológicas, o que se verifica no *Projeto* não é uma sistematização de descrições e de observações clínicas, mas a tentativa de instaurar uma ciência abrangente que desse conta de uma teoria geral das neuroses, sendo mais uma fundamentação feita a partir e para suas observações clínicas do que a sistematização dos resultados destas observações.

Em 1873, aos 17 anos de idade, Freud ingressa na Escola de Medicina da Universidade de Viena, tendo aulas com Meyert, Brücke, Brentano e Claus, nomes importantes da medicina, fisiologia, filosofia e zoologia da época. Durante a sua formação, em 1876, recebe bolsas para trabalhar na Estação Zoológica Experimental de Trieste, laboratório de Claus, estudando anatomia sexual das enguias, assunto sobre o qual publica o seu primeiro artigo científico (FOGUEL, 2007). Também trabalha no laboratório de Brücke estudando a histologia da medula espinal das lampreias, depois se movendo para outros estudos dentro do campo da anatomia das células nervosas, permanecendo durante seis anos no laboratório; foi trabalhando com Brücke que Freud conheceu Breuer (STEWART, 2014). Freud comenta, em seu estudo autobiográfico, que, no laboratório de fisiologia de Ernst Brücke, encontrou tranquilidade e satisfação plena, além de homens que respeitava e tomava como modelos (JONES, 1989): o próprio Brücke e seus assistentes, Sigmund Exner⁸ e Ernst Fleischl von Marxow.

Trabalhei nesse instituto, com breves interrupções, de 1876 a 1882, e geralmente se julgava que eu estava destinado a preencher a vaga de professor assistente que viesse a ocorrer ali. Os vários ramos da medicina propriamente dita, afora a psiquiatria, não exerciam qualquer atração sobre mim. Eu era realmente negligente em meus estudos médicos e somente em 1881, um tanto tardiamente, recebi o grau de doutor em medicina. (FREUD, 1974, p. 12)

Freud, mesmo nesses momentos iniciais em que ainda se dedicava integralmente aos estudos, privilegiava a observação em favor da experimentação. Por se dedicar a estudos relativos à anatomia e histologia, nunca chegou a ser propriamente um

⁸ Colega de laboratório de Freud que mais tarde consegue a vaga de professor assistente que Freud também disputava. Exner escreveu, um ano antes de Freud, um “projeto de psicologia” de cunho fisiológico, o que pode ter contribuído para que Freud não publicasse o seu *Projeto*.

experimentalista como Assoun (1983) afirma que teria sido caso suas pesquisas estivessem mais próximas da fisiologia.

Brücke, juntamente com Carl Ludwig, Emil Du Bois-Reymond e Hermann Helmholtz, formavam um grupo de cientistas dedicados a uma aproximação físico-química das ciências. Segundo Du Bois-Reymond, em uma carta:

Brücke e eu nos comprometêramos solenemente a impor esta verdade, a saber, que somente forças físicas e químicas, com exclusão de qualquer outra, agem no organismo. No caso dessas forças não conseguirem ainda explicar, precisamos nos empenhar em descobrir o modo específico ou a forma de sua ação, utilizando o método físico-matemático, ou então postular a existência de outras forças, equivalentes em dignidade, às forças físico-químicas inerentes à matéria, redutíveis à força de atração e repulsão. (DU BOIS-REYMOND, apud JONES, 1989, p. 45)

É por vezes apontada por historiadores da psicanálise (JONES, 1989) uma certa escola de Helmholtz, integrada por esses quatro pesquisadores, tomando esse “Juramento solene como evidência”, mas outros autores apontam que inexistia algo como uma escola unificada, que tal tese é fruto de confusão historiográfica, (CARVALHO; MONZANI, 2015), e que tal concepção obscurece certos vínculos desses autores com a tradição pós-kantiana da filosofia.

Além disso, para além das matérias necessárias para a conclusão do curso de medicina, Freud assiste durante dois anos cursos e seminários de Brentano.

Sobre a relação com Brentano, Freud tinha um contato de certa proximidade com o professor. Além de tê-lo visitado em sua casa, Brentano indica Freud, algum tempo depois deste ter deixado a universidade, ao editor alemão de Stuart Mill, recomendando o ex-aluno como tradutor. Disso se extrai que certamente Freud tem contato com o de Brentano e de Stuart Mill., embora seja difícil precisar alguma influência específica deles na obra freudiana. No caso específico de Mill, pode-se argumentar que os aspectos associacionistas presentes na obra de Freud derivam da sua influência, embora possa haver outras fontes possíveis. De Brentano, apenas os aspectos representacionais de ambas as teorias saltam imediatamente aos olhos.

Freud continuou trabalhando com Brücke por mais 15 meses, até que – em parte por recomendação deste – Freud ingressou no hospital para adquirir experiência clínica. Brücke recomenda a clínica como a opção mais apropriada para Freud devido à sua

situação financeira: Freud tinha dinheiro para se manter como pesquisador, mas isso levaria a uma situação de penúria se ele mantivesse seus planos de se casar com Martha Bernais. Sua carta de recomendação ao hospital foi escrita por Meynert. Ele começou em 1882, no departamento de Nothnagel, e no ano seguinte foi transferido para a clínica psiquiátrica de Meynert. Meynert era considerado um brilhante anatomista cerebral, mas um psiquiatra medíocre; pensava que todas as psicoses eram devido a doenças na parte anterior do cérebro (STEWART, 2014).

Depois Freud vai para o departamento de doenças nervosas sob a superintendência de Franz Scholz. Em 1885, sob recomendação de Brücke, Meynert e Nothnagel, Freud assumiu a posição de *Privatdozent* em neuropatologia, que o permitia dar aulas. Nesse mesmo ano foi-lhe concedida a bolsa que lhe permitiu uma viagem de seis meses, durante os quais foi a França e teve sua famosa estadia com Charcot. (STEWART, 2014).

Uma distinção importante entre Brücke e Nothnagel é a vinculação do primeiro ao método experimental. Ele insistia que as pesquisas médicas deveriam ser realizadas em laboratório, e fazia parte de um grupo que pressionava para que as universidades adquirissem equipamentos e laboratórios que possibilitassem a pesquisa médica experimental. Nothnagel, por outro lado, priorizava a pesquisa científica na clínica médica, colocando essa atividade como distinta mas equivalente à do fisiologista experimental (ROZEN, 1972).

Nothnagel talvez tenha sido quem introduziu em Freud a possibilidade da clínica enquanto campo empírico de pesquisa, o que abriu a porta para que ele continuasse se dedicando à pesquisa mesmo quando a permanência no laboratório de Brücke se tornou uma impossibilidade financeira. Nothnagel também promove a noção de que o foco do tratamento é o paciente, não a doença, e que os dados clínicos deveriam ser lidos tendo em vista o paciente como um todo (ROZEN, 1972). É importante notar que Brücke e Nothnagel consideravam de suma importância tanto os estudos fisiológicos quanto clínicos, havendo, entretanto, uma discordância quanto à ênfase.

Quando Freud foi estudar com Charcot, ele planejava a princípio continuar seus estudos neurológicos, mas devido à falta de incentivo e à precariedade dos laboratórios, assistiu as exposições clínicas de Charcot sobre a histeria, sendo esta patologia o seu foco principal de estudo.

Freud traduziu dois livros de Charcot e dois de Bernheim, médico francês também hipnotizador, mas que fazia parte da chamada escola de Nancy, que se opunha às concepções de Charcot. Na introdução a um dos textos de Charcot, Freud discute a

histeria e a neurastenia, bem como a adoção desses diagnósticos no modelo clínico-descritivo francês e no anatômico-explicativo alemão. Visto que eram patologias em que não se encontrava lesões correspondentes no tecido nervoso, os modelos anatômicos especulativos rejeitavam como tópico de estudo científico essas doenças, que na escola francesa eram tratadas como apenas mais um tópico em neuropatologia. Nesta escola, o estudo dessas doenças se dava através da descrição clínica, na tentativa de entender melhor sua natureza essencial (ROZEN, 1972).

CAPÍTULO 2

2.1. Situando o *Projeto* no contexto histórico

O *Projeto* consiste em um esboço escrito por Freud em 1895, que foi enviado a Fliess em suas correspondências. O texto que hoje temos em mãos, portanto, não é um artigo pensado inicialmente para publicação, mas parte de uma correspondência entre amigos.

O *Projeto*, juntamente com o restante da correspondência Freud/Fliess, somente sobreviveu porque foi conservado pela viúva de Fliess. Posteriormente, a correspondência foi vendida por ela a um livreiro suíço. Este, por sua vez, vendeu a coleção das cartas à Marie Bonaparte⁹, em 1937. Ela retirou os manuscritos da Alemanha em função da guerra e não aceitou entregá-los a Freud, a despeito da insistência dele em readquiri-los (GARCIA-ROZA, 1991).

Marie Bonaparte temia que Freud os destruísse como fez com outras cartas que havia recebido de Fliess. Então, ela os manteve num cofre na Suíça e posteriormente os enviou a Paris. Os documentos sobreviveram à ocupação durante a guerra e depois foram enviados a Inglaterra pelo Canal da Mancha, embalados em material impermeável e flutuante, devido à presença de minas na travessia ao território inglês. Desse modo, o texto do *Projeto*, escrito em 1895, foi publicado somente em 1950, 55 anos depois de escrito, e 11 anos depois da morte de Freud.

O *Projeto* foi publicado, juntamente com parte selecionada da correspondência com Fliess, na coletânea *Aus den Anfängen der Psychoanalyse* (Origens da psicanálise), em Londres em 1950, por Anna Freud e Ernst Kris, sob o título de *Entwurf einer Psychologie* (Projeto de uma psicologia) (STRACHEY, 1974). O *Projeto* é um ensaio incompleto de Freud no qual ele antecipa diversos conceitos que viriam se tornar importantes no desenrolar da psicanálise. Freud chama o texto de *Entwurf der Psychologie* (projeto de psicologia). Ele se refere ao texto como uma “psicologia para neurólogos”, e Strachey, na tradução para o inglês, dá o título de “Projeto para uma psicologia científica”.

Fato é que a psicanálise se desenvolveu independentemente deste texto. Não há referências diretas a ele nas publicações iniciais de Freud, não é um texto que foi debatido

⁹ Ex-paciente de Freud, psicanalista e princesa da Dinamarca e da Grécia.

com colegas – com a exceção de Fliess obviamente –, tampouco circulou internamente no ascendente meio psicanalítico. Contudo, é inegável perceber os reflexos do *Projeto* na obra posterior de Freud, por exemplo, no capítulo VII da “Interpretação dos sonhos”. Desta forma, podemos dizer que a elaboração do *Projeto* teve importância no desenvolvimento das ideias de Freud, mas não propriamente na história do movimento psicanalítico e na construção da disciplina até a recuperação do texto em 1950.

Esse texto muito possivelmente é o que contenha a primeira tentativa de Freud de estabelecer uma teoria geral do psiquismo. Aqui ele dá um passo além dos colegas médicos ao se debruçar, também, sobre o funcionamento normal do psiquismo, a partir do estudo das patologias, modelo científico em voga na época e presente nos estudos sobre as afasias, as histerias e as neuroses em geral.

2.2. O *Projeto*

Freud introduz o *Projeto* com um parágrafo inicialmente bastante surpreendente – em se tratando de alguém que será conhecido futuramente por trabalhos sobre os sonhos e sobre o inconsciente. O tom inicial do *Projeto* destoa da impressão corrente que se tem acerca da psicanálise, em que há uma valorização do onírico e do irracional, sendo vista como ligada a movimentos românticos e literários, e apresentada perante muitos como uma alternativa a certas tendências racionalistas e positivistas, como uma ciência da hermenêutica e da interpretação:

O propósito [é] fornecer uma psicologia científico-naturalista, ou seja, apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição. [Estão contidas duas ideias principais]:

[1.] concebe o que diferencia atividade de repouso como Q, submetida a lei geral do movimento;

2.) toma os neurônios como partículas materiais. (FREUD, 1895/1995, p.5)

Nesse contexto, Q é definido como o que diferencia a atividade do repouso, ou seja, como uma mudança de estado, regida pelas leis do movimento. Freud alude em textos anteriores a uma carga de afeto ou soma de excitação que tem características similares ao que ele no *Projeto* denominará por Q:

Gostaria, por fim, de me deter por um momento na hipótese de trabalho que utilizei nesta exposição das neuroses de defesa. Refiro-me ao conceito de que, nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo. (FREUD, 1974/1896, p. 35)

Q igual a zero seria uma ausência de mudança. Q diferente de zero indicaria aumento ou diminuição de atividade (GABBI JR, 2003, p. 109). Assim, segundo Gabbi Jr, a lei geral do movimento deve ser entendida como lei de inércia, como a tendência de manter o movimento constante (sem aceleração). As noções de aumento e diminuição são apontadas pelo autor como puramente qualitativas (intensivas) em Freud, pois indicam simplesmente a passagem de mais para menos e menos para mais, não sendo de fato quantificadas, como já dito anteriormente. Q significa então a variação de energia, não é a energia propriamente dita.

Existe aqui um ponto que é debatido entre comentadores da obra freudiana. Enquanto para Garcia-Roza (1991) o que vale para Freud é que existe uma distinção entre quantidade e intensidade estas não podendo ser quantificáveis, para Pribam e Gil tal distinção era apenas devido a uma impossibilidade técnica de se medir as quantidades.

Garcia-Roza (1991, p. 81) define Q como a energia que circula pelos neurônios, capaz de deslocamento e descarga.

Freud utiliza-se dos termos Q e Q_{η} de forma inconsistente. De modo geral Q_{η} parece indicar uma quantidade de origem interna e Q uma quantidade de origem externa. Aqui usaremos sem distinção apenas Q para nos referirmos a essas quantidades. Freud diz que tal concepção quantitativa (de Q) deriva das observações clínicas (FREUD, 1995, p. 10) dos pacientes neuróticos.

A questão neuronal é de grande importância para Freud. A teoria neuronal do sistema nervoso, que postula a estrutura funcional do sistema nervoso como sendo o neurônio enquanto célula (em rede) em oposição a um circuito contínuo, estava sendo desenvolvida na época de Freud e não foi confirmada até a década de 1950, quando houve o advento do microscópio eletrônico.

Santiago de Jamon y Cajal, um dos principais nomes da teoria neuronal, defendeu esta teoria no mesmo ano que Freud a apontava como possibilidade em um de seus

primeiros textos neurológicos. Se, atualmente, essa teoria é a unanimemente aceita, naquela época era uma concepção em disputa. No *Projeto*, há uma certa antecipação conceitual de Freud do que viria a ser chamado de sinapses.

Freud postula três sistemas de neurônios ϕ (phi), ψ (psi) e ω (ômega). Há entre esses sistemas diferenças estruturais, mas não há diferença anatômica entre os neurônios que os compõem. “O neurônio é concebido como o suporte material e elemento constituinte do aparelho psíquico. Cada neurônio é uma unidade separada, sendo que todos os neurônios são iguais, não havendo diferença entre eles” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 79).

O *Projeto* não se trata, entretanto, de um trabalho de neurologia, correspondendo mais a uma neuropsicologia propriamente dita. Garcia-Roza (1991) fala que o *Projeto* não corresponde à neurologia da época. O autor situa-o como uma recusa da anatomia e como um exercício de fisiologia fantasiosa, que Freud converte em metapsicologia.

O autor também aponta (p. 80) que o aparelho neuronal freudiano é um modelo explicativo, que não necessariamente se identifica ao sistema nervoso descrito pela neurologia da época. Nesse sentido, concordamos com o autor, que o aparelho neuronal freudiano é um instrumento de valor heurístico, ou seja, um aparato metodológico para lidar com os fenômenos clínicos e da pesquisa científica. Consideramos, portanto, Freud um neurologista de ponta, que executa no *Projeto* um exercício especulativo, para elaborar uma estrutura neuronal do aparelho psíquico que tivesse condição de subsidiar teoricamente seus resultados clínicos.

A combinação da teoria de Q com as concepções de Freud sobre os neurônios geram (FREUD, 1995, p.12) a ideia de um neurônio que pode ser ocupado, preenchido com Q. Freud postula o princípio da inércia nervosa, que diz que os neurônios aspiram liberar-se de Q, ou seja, manter constante o nível de energia, não havendo mudança em direção à atividade ou ao repouso. O aparelho neurológico se constitui assim basicamente como um mecanismo que procura manter constante seu nível energético.

Por exemplo: no movimento reflexo o sistema nervoso emprega a Q através dos movimentos musculares para mantê-la inalterada. Tal eliminação de Q consiste na função primária do sistema nervoso (FREUD, 1995, p. 10). A função secundária consiste na preservação de caminhos neuronais de eliminação da Q, estabelecidos pela execução da função primária. A descarga exitosa de Q, por determinada via neuronal, privilegia a utilização futura dessa mesma via.

2.2.1. Os sistemas

Freud postula três sistemas de neurônios ϕ (phi), ψ (psi) e ω (ômega). No *Projeto* ele explica que o sistema ϕ de neurônios é o responsável pela percepção, por meio do recebimento de quantidade (Q) exógena, proveniente do mundo exterior, através dos órgãos sensórios. As quantidades de energia externa são grandes, em graus de magnitude maior do que a energia que pode circular pelo sistema nervoso, de modo que os órgãos sensórios possuem barreiras de proteção para impedir a entrada excessiva de Q nos neurônios do sistema ϕ .

O sistema ϕ imediatamente descarrega a energia recebida através de arcos reflexos, de movimentos, respeitando o princípio de inércia. Tal resposta imediata Freud chama de fuga do estímulo, pois leva o organismo a se afastar da fonte de estimulação aversiva. Um exemplo é o fato de que, quando tocamos em uma panela muito quente, afastamos imediatamente a mão. Ou seja, uma grande quantidade de energia que é captada por ϕ , proveniente da panela, é imediatamente “gasta” no movimento reflexo de afastar a mão.

O sistema ψ , por outro lado, não recebe energia externa. Tem de lidar com quantidades recebidas através do sistema ϕ ou daquelas geradas somaticamente, oriundas de necessidades vitais, como fome, respiração e desejo sexual. Ao contrário dos estímulos externos, o organismo não pode se livrar delas pela fuga ou pelo afastamento, mas somente através do que Freud chama de ação específica (FREUD, 1995, p. 11), que tem o intuito de atuar na fonte geradora desse estímulo, ou seja, saciar as necessidades de fome, sede ou sexo, através de ações a serem executadas no mundo concreto.

O gasto energético dessas ações, ou seja, a Q que necessita ser descarregada para executá-las é, geralmente, maior do que as provenientes das excitações somáticas, portanto, acontecem em uma violação temporária do princípio de inércia. É preciso que haja um acúmulo de Q no interior de ψ para executá-la. Nesse caso, o princípio de inércia se modifica no sentido de agora ser uma tendência em manter Q no menor nível possível, em detrimento de eliminá-la de modo imediato. Nesse caso, ao invés do princípio de inércia, acontece o que Freud chama de princípio de constância.

A exigência da função secundária de acumular Q para poder realizar uma ação específica é permitida pela postulação da concepção de *barreiras de contato*. Essas barreiras são definidas por Freud (1995) como resistências que se opõem à eliminação de Q. Resistências estas que ocorrem na passagem de Q entre um neurônio e outro. À medida

que Q é constantemente eliminada por uma via neuronal específica, os neurônios que integram essa via teriam diminuída a resistência que exercem, facilitando, portanto, a passagem de Q. As barreiras de contato atuam impedindo a passagem de Q através do sistema abaixo de certo limiar. Apenas uma Q suficientemente grande passaria de um neurônio para outro.

Freud (1995) nesse ponto de sua elaboração se vê diante do paradoxo posto pela necessidade de dar conta simultaneamente dos fenômenos da percepção e da memória. Enquanto as percepções necessitam que os neurônios permaneçam inalterados pelos estímulos, a fim de que os mesmos estímulos sejam percebidos sempre de maneira equivalente, a memória implica na modificação dos neurônios. Caso contrário não haveria condição de acontecer nenhum tipo de registro (p. 13).

Para dar conta de tal paradoxo, Freud postula os dois sistemas de neurônios. Um no qual as barreiras de contato fazem resistência a Q, sendo este sistema vinculado à memória, e um outro responsável pela percepção, no qual as barreiras de contato não agem (ψ e ϕ respectivamente).

Os neurônios do sistema ψ são chamados de impermeáveis, porque retêm Q, e os do sistema ϕ são chamados de permeáveis, pois não apresentam resistência nem retêm nada.

Assim, apenas os neurônios ψ sofrem modificação pela passagem de energia pelas barreiras de contato. Os do sistema ϕ permanecem inalterados pois não acumulam Q. Tal fato qualifica ψ como portadores da memória e, provavelmente, dos processos psíquicos em geral (FREUD, 1995, p. 13).

Os neurônios ψ são modificados a partir do que é chamado de *facilitação*, o processo no qual uma via neuronal descarrega uma quantidade de energia e que tem sua passagem priorizada. Os neurônios ϕ não são modificados pois não exercem resistência, portanto, não têm um circuito priorizado, são absolutamente facilitados. A memória é assim constituída pelos caminhos, construída a partir da diferença de facilitações entre os neurônios ψ .

A criação das facilitações é feita a partir do fluxo de Q pelos neurônios, sendo função tanto da grandeza dessa Q, quanto pelo número de repetições desse fluxo. Ou seja, quanto maior a quantidade e o número de repetições, mais facilitado o neurônio estará e, portanto, maior a tendência de fluxos futuros passarem através dele. Cada neurônio, além disso, se liga a vários outros, portanto apresenta diversas barreiras de contato, cada uma

facilitada em maior ou menor grau, o que permite que se formem efetivamente os caminhos neuronais nos quais está codificada a memória.

O terceiro sistema neuronal, ω , é necessário para explicar a consciência. O problema, para Freud, era a transformação de quantidade em qualidade.

CAPÍTULO 3

3.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho partimos da dificuldade da psicologia de se constituir como um saber autônomo e científico. Foi no seio da Alemanha do final do século XIX que surgiram vários projetos para a construção de uma psicologia científica. Retomamos esse período histórico seminal investigando a contribuição de Sigmund Freud, especificamente nos apoiando na análise de seu texto *Projeto de uma psicologia científica*. Isso porque situamos este texto freudiano como um emergente dessa época, um efetivo esforço para esboçar uma teoria psicológica contemporânea às obras inaugurais de Wundt, Fechner ou Brentano. Fato é que, nesta obra, Freud trata explicitamente de algo denominado por ele de psicologia, e não (ainda) psicanálise, o que nos permite considerar este texto como um marco, um importante documento no que se refere ao pensamento psicológico em voga naquela época.

Freud é uma figura de importância ímpar no desenvolvimento da psicologia clínica e no tratamento de enfermidades mentais. Dessa forma, a sua importância na história da psicologia se mantém assegurada, mesmo que se diferencie de muitos de seus contemporâneos ao realizar suas pesquisas empíricas na clínica e em hospitais, e não em laboratórios. Tratamos a psicanálise, nesse estudo, como pertencente ao campo mais amplo da psicologia. Assim, se Assoun (1983), em seu estudo sobre epistemologia do freudismo, procura o “humos” que permite fazer surgir a psicanálise, para tentar desvelar a originalidade da descoberta freudiana, podemos dizer que nosso movimento foi o de dar algum passo no sentido inverso: tentar investigar em que medida Freud é um continuador de empreendimentos anteriores e contemporâneos a ele.

No *Projeto de psicologia*, Freud trata de explicar o funcionamento do aparelho psíquico por meio de um aporte neurológico. O alcance desse empreendimento é significativo. Ele rompe com a tradição do localizacionismo, método de localização das funções mentais em áreas do cérebro, no qual o quadro clínico era definido pelo local físico da lesão, e propõe uma forma mais abrangente de análise, que incluía não apenas o aspecto neurológico, ou físico, mas questões emocionais ou psíquicas na definição da patologia.

Freud buscou conciliar o saber neuronal fisicalista a uma forma de análise mais abrangente da psicopatologia. Situou a sua produção como pertencente ao campo das ciências da natureza em oposição às ciências do espírito, como então se denominava as ciências humanas na Alemanha, desvendando fenômenos estranhos à medicina.

Recuperar a relação de Freud com a psicologia, que lhe era contemporânea, permite situar a rede de influências às quais ele estava exposto. Freud é plural, não cabem reducionismos. Fato é que ele usufruiu dos diversos saberes em ebulição em sua época. Sua produção é o efeito do novo espírito científico emergente na Alemanha do século XIX.

Portanto, a escolha do *Projeto para uma psicologia científica* como ponto de partida deste trabalho de conclusão de curso levou em consideração não o fato de que nesse manuscrito já estavam presentes conceitos fundamentais para a Psicanálise. Nossa investigação buscou identificar as redes de influências nas quais ele estava imerso.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, O. *Freud precursor de Freud: estudos sobre a pré-história da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- ASSOUN, P. L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- ANTONELLO, D. F.; OLIVEIRA, R. H. A repetição e o Projeto de 1895: gérmen de um conceito. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 237-251, jun. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142011000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 jun. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142011000200003>
- CARVALHO, V. O.; MONZANI, L. R. Sobre as origens da concepção freudiana de ciências da natureza. *Sci. stud.*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 781-809, dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662015000400781&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 jun. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662015000400004>.
- ELLEMBERGER, H. F. *The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. New York: Basic Book, 1970.
- FREUD, Sigmund. (1896). Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa. In: _____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.3, p. 187-211.
- FREUD, Sigmund. (1914). A história do movimento psicanalítico. In: _____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.14, p. 16-82.
- FREUD, Sigmund. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: _____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.14, p. 137-162.
- FREUD, Sigmund. (1925). Um estudo autobiográfico. In: _____ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.20, p. 17-92.
- FREUD, Sigmund. (1895). Projeto de uma Psicologia. Tradução Osmyr Gabbi Jr. In: GABBI JR., Osmyr. *Notas a Projeto de uma Psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana, volume 1; sobre as afasias (1891). O projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991

HEARNSHAW, L. S. O início da psicologia científica. In _____ *the shaping of modern psychology*. Capítulo 9, pp. 124-148. London: Routledge, 1987. <http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/structure-sintese.htm>. Acesso em 17 jun. 2017.

HEILDEBERGER, M. *Nature from within: Gustav Theodor Fechner and his psychophysical worldview*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2004.

JONES, E. *A vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago; 1989.

KANDEL, E. R. *The age of insight: the quest to understand the unconscious in art, mind, and brain, from Vienna 1900 to the present*. New York: Random House, 2012.

LEARY, D. E. *The philosophical development of the conception of psychology in Germany, 1780–1850*. In _____ *Journal of the history of behavior sciences*, volume 14, número 2, 1978

ROZEN, G. Freud and medicine in Vienna: Some scientific and medical sources of his thought. In: _____ *Psychological Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972, v. 2.

SCHULTZ, D.; SCHULTZ, S. *História da psicologia moderna*. São Paulo: CENGAGE Learning, 2014.

SKINNER, B. F. *O mito da liberdade*. São Paulo: Summus, 1973.

STEWART, W. A. *Psychoanalysis: The first ten Years 1888-1898*. London: Routledge Library Editions: Freud, 2014.

STRACHEY, J. Prefácio á “projeto de uma psicologia científica. In _____ FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.1.